

ONDE APLICAR O DINHEIRO

Yone Simidzu

Da equipe do **Correio**
e Andréia de Abreu
Especial para o **Correio**

A desvalorização do real trará de volta a inflação e fará com que diversas aplicações financeiras tenham rendimentos nulos ou negativos este mês. Analistas financeiros estimam que a inflação de fevereiro, medida pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), da Fundação Getúlio Vargas, possa ficar entre 2% e 3%.

Já a caderneta de poupança, nesse mesmo período (1º de fevereiro a 1º de março), irá render apenas 1,3339%. Até os fundos DI 60 dias — a aplicação com maior rentabilidade entre as opções conservadoras de renda fixa — perderão da inflação. A remuneração média desses fundos projetada para fevereiro será de 1,64%, descontados os impostos.

Com isso, quem aplica seu dinheiro na caderneta de poupança ou nos fundos de renda fixa poderá ter prejuízo. Isso significa que o investidor não poderá comprar no final do mês o mesmo volume de produtos ou serviços que compraria no início do período.

As perdas da caderneta não seriam tão drásticas caso o governo não tivesse aumentado o redutor da Taxa Referencial (TR). O rendimento da poupança em 1º de março estava projetado anteriormente em 1,7%. Ao elevar o redutor da TR de 1,45% para 1,80%, reduziu a rentabilidade da poupança, que é calculada pela TR mais juros de 0,5% ao mês.

A situação é inédita nos últimos três anos, segundo Marcos Silvestre, economista-chefe da Forex, uma empresa de consultoria financeira. A caderneta vinha oferecendo altos rendimentos, de aproximadamente 15% ao ano. “Em um cenário de inflação quase zero, essa rentabilidade era excepcional. Para se ter uma idéia do ganho real, basta ver que os títulos de longo prazo da dívida pública norte-americana rendem 5% ao ano”, comenta.

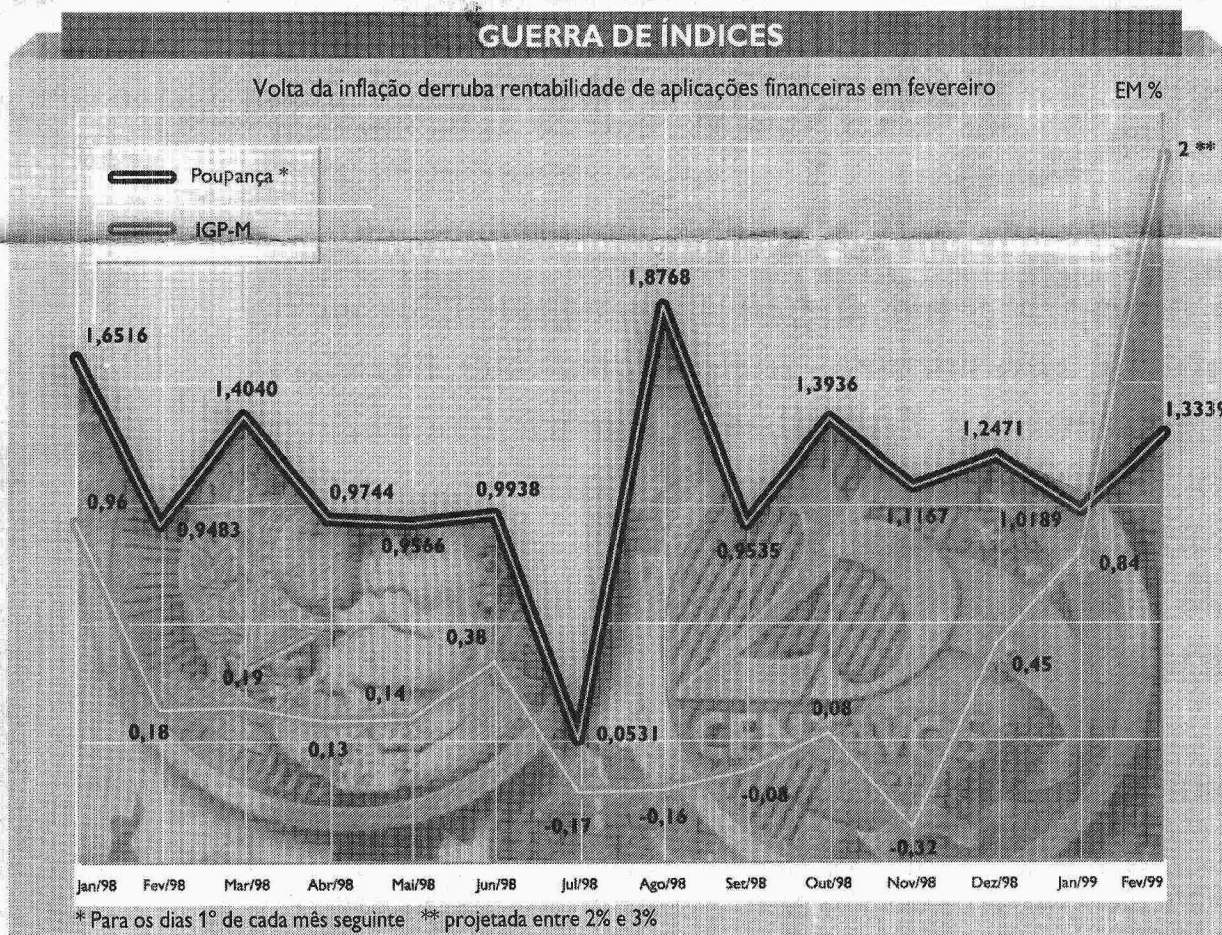
A perda de rentabilidade deverá atingir outros fundos de investimentos atrelados a taxas de juros, o que fará com que muitos investidores optem pelos chamados ativos reais: imóveis, terra, gado ou ouro, entre outras formas de proteção do dinheiro contra a inflação. “Com a volta da inflação, as pessoas seguem a tendência de buscar ativos reais”, explica o economista Denisard Alves, chefe do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

Isso explica o grande volume de resgates nas cadernetas de poupança e nos fundos de renda fixa no final de janeiro, provocado pela desvalorização do real e pelos boatos de confisco do dinheiro. Dados do Banco Central mostram que no mês passado os saques na poupan-

Ronaldo de Oliveira



O arquiteto Kleber Campos, 71, se recusa a comprar dólares ou aplicar seu dinheiro na caderneta de poupança; prefere as ações e o fundo de renda fixa



ça superaram os depósitos em R\$ 266,3 milhões. Um ano antes ocorria o inverso, com um superávit de R\$ 829,9 milhões sobre os resgates.

ALTERNATIVAS

O que fazer? Para onde correr? Segundo o gestor dos fundos da Investidor Profissional, Emanuel Pe-

reira da Silva, não há para onde correr e o melhor é continuar aplicado para não perder dinheiro. “O máximo que o investidor pode fazer é deixar a caderneta, por exemplo, para migrar para um fundo DI, que oferece rendimentos maiores”, diz o gestor, que descarta a opção de se comprar dólares,

que estão caros.

Quem também recomenda fugir da moeda americana é Elias José Souza Filho, chefe da mesa de negócios do Banco de Brasília (BRB). “Os fundos de renda fixa com papéis pós-fixados continuam sendo a melhor fuga para quem não sabe o que fazer neste momento”, afirma.

O arquiteto aposentado Kleber Monte de Campos, 71 anos, está de olho nesse tipo de aplicação. Caderneta de poupança e dólares estão fora dos planos dele. Campos pretende vender a sua casa no Lago Norte nos próximos dias para comprar um pequeno apartamento no Plano Piloto. O dinheiro que sobrar do negócio será investido em ações e nos fundos de renda fixa. “Não sou um grande investidor, mas não vou embarcar na caderneta de poupança. Afinal de contas, ela não vai pagar a inflação”, diz ele.

O vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças e Contabilidade (Anefac), Miguel de Oliveira, defende os fundos de renda fixa como uma das opções mais seguras e rentáveis. Em média, eles remuneraram o capital com taxas de juros de 40% ao ano. Mesmo com uma inflação de 10% ao ano, um fundo DI de 60 dias deverá proporcionar um ganho real de 1,8% ao mês, de acordo com Oliveira, cético quanto a possíveis perdas por parte de investidores. “Mas ainda é muito cedo para fazer uma projeção da inflação de fevereiro e do seu impacto nas aplicações financeiras”, admite.

RISCO

Para Marcos Silvestre, economista-chefe da Forex, empresa consultora de finanças, não há alternativas no mercado interno para os investidores. Migrar para o dólar ou fundos de investimento com variação cambial podem ser

uma péssima saída. “Aplicar em dólar é extremamente arriscado porque além da eventual queda na cotação da moeda há ainda a diferença do ágio. O risco de perda é maior do que na caderneta de poupança ou nos fundos de renda fixa”, argumenta.

A alta da inflação é passageira. Esse é o consenso entre todos os analistas financeiros. De acordo com o professor de matemática financeira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Luis Carlos Ewald, ela vai durar no máximo dois meses. “Casos de dólar se estabilize, com certeza não passaremos mais de dois meses com a inflação a 3%”, concorda Orlando Zainaghi.

É por isso que Marcos Silvestre alerta para ninguém entrar em pânico. Na sua avaliação, a inflação deve voltar aos antigos patamares — quase zero — a partir de maio. O câmbio também estará estabilizado nesse período, em torno de R\$ 1,60 por dólar. As taxas de juros também cairão, provavelmente para 28% ao ano. Isto significa que a rentabilidade da poupança será menor do que nos anos anteriores mas bastante elevada se comparada aos níveis internacionais.

Com dúvidas quanto à possibilidade de uma inflação alta, por causa da queda no consumo e da consequente inibição à alta dos preços, Miguel de Oliveira, da Anefac, acredita que a caderneta de poupança poderá até ter rendimento positivo por causa da Taxa Referencial (TR) de juros.

DISPARADA

A possibilidade da disparada descontrolada da inflação é remota mas há quem esteja se protegendo com outros tipos de investimento. Quem precisa de liquidez (transformar a aplicação em dinheiro vivo em prazo curtíssimo) deverá investir em dólar ou gado. Investimentos como imóveis exercem menor atração porque têm menos liquidez.

Investir nos chamados ativos reais (imóveis, terras, ouro, boi) é uma boa alternativa se houver grandes riscos de desestabilização econômica. Nesses casos, o investidor não pensa na rentabilidade, mas na segurança do seu dinheiro. Os ativos podem não dar lucro mas se transformam em patrimônio menos imune aos humores do mercado.

A situação é típica da década de 80, quando as pessoas evitavam deixar o dinheiro parado para que ele não fosse corroído pela inflação. Para quem tinha pouco dinheiro, a regra era torrar o salário no supermercado, nas lojas de eletrônicos ou de automóveis já que poucas aplicações financeiras conseguiam rentabilidade. No final, essa prática acabava alimentando a inflação, já que o aumento na procura pelos produtos pressionava seus preços.

■ Colaborou Leonardo Cavalcanti